

“Um romance sobre raça, exploração e redenção. Deslumbrante.” **THE NEW YORK TIMES**

intrínseca

Cynthia Bond

RUBY

RUBY

CYNTHIA BOND

Ruby

TRADUÇÃO DE NATALIA KLUSMANN



Copyright © 2014 by Cynthia Bond
Tradução publicada mediante acordo com Hogarth, um selo de
Crown Publishing Group, uma divisão de Penguin Random
House LLC

TÍTULO ORIGINAL
Ruby

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Rayana Faria
Paula de Carvalho

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B694r

Bond, Cynthia
Ruby / Cynthia Bond ; tradução Natalia Klussmann. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Ruby
ISBN 978-85-510-0120-2

1. Romance americano. I. Klussmann, Natalia. II. Título.

16-38553

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Cávca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para a doutora Zelema Marshall Harris,
também conhecida como mamãe*

LIVRO UM

Ossoda sorte

CAPÍTULO I

Ruby Bell era um lembrete constante do que poderia acontecer com uma mulher que usa saltos exageradamente altos. As pessoas do povoado de Liberty a enredavam em histórias que alertavam para o preço que se paga por pecar e viajar. Diziam que ela era louca. Do tipo que poderia ser encontrada uivando seminua. O fato de ter voltado de Nova York fazia com que isso fosse relativamente compreensível para os habitantes da cidade.

Ela se vestia de um cinza igual ao das nuvens carregadas de chuva e vagava descalça pelas ruas de terra vermelha. Pés calejados como couro de bota. Cabelo empastado de lama. Unhas escurecidas como se ela tivesse arranhado a lousa da noite. Hectares de pernas a carregavam, braços balançando como uma cortina solta. Os olhos dela eram da cor do céu logo antes de uma tempestade.

Era assim que Ruby andava quando morava na casa despedaçada que Papa Bell tinha construído antes de morrer. Na época em que cavava o solo do leste do Texas ao luar e gemia como um trem distante.

Naqueles anos após a volta de Ruby, as pessoas a deixavam em paz. Percorriam caminhos sinuosos para não passar pela porta dela. E, por isso, foi muito estranho quando alguém atravessou todo o povoado de Liberty e deixou um bolo na varanda da casa dos Bell.

Ephram Jennings observava a mulher cinzenta passar feito uma assombração pelo centro da cidade desde que ela voltara para a propriedade dos Bell, em 1963. Liberty inteira a observava. Todos os dias, Ephram via a mulher limpar o cuspe dos lábios repuxados e deslizar as mãos ainda bonitas pela crosta do cabelo, depois dobrar a esquina, a cidade toda a segui-la com os olhos. Ele a observava

andar como se estivesse a caminho de algum compromisso e então, cinco passos depois do Mercado P & K, estacar, tremendo o corpo de nuvem chuvosa. Via a Senhorita P, dona da loja, sair indiferente pela porta e dizer: “Querida, você pode ver se eu coloquei a quantidade certa de fermento nesses pãezinhos?”

Ephram observava Ruby fixar o olhar para além da mulher, mas ainda assim pegar o saco marrom repleto de pães quentinhos. Pegá-lo e se afastar, os hectares de pernas a carregá-la, enquanto a Senhorita P dizia: “Se você puder, volte aqui amanhã, Ruby Bell, para me ajudar.”

Ephram Jennings tinha observado isso durante onze anos. Vira as solas pretas dos pés dela deixando um rastro de poeira. Todos os dias, tudo o que ele mais queria era colocar aqueles pés cansados na grande tina de madeira que tinha em casa, esfregar suas solas com água morna e sabão, besuntá-las com azeite e lanolina e, então, deslizar os pés dela, um a um, para dentro de meias com calcanhares vermelhos.

No entanto, em vez disso, a cada ano que se passava ele observava de esgueirar a Senhorita P cumprir seu dever cristão. Via a mulher cinzenta se curvar para receber as esmolas massudas. Então, Ephram se juntava ao bando de homens aboletados nos banquinhos do lado de fora do P & K. Eles liam jornal, jogavam dominó e mascavam tabaco. Palitos de dente entre os lábios. Cachimbos soltando fumaça. Refrigerantes suando. Exatamente como no dia em que Ruby voltara a Liberty. Quando ela saía do ônibus vermelho, eles a encheram de olhares. Cabelo alisado e reluzente como nogueira preta polida. Batom vermelho e espesso, vestido de verão azul-celeste preguiçoso e bem justo na cintura. Ephram observara a mulher acender um cigarro e olhar para os homens amontoados na varanda do mercado de um jeito que os deixou constrangidos por simplesmente respirar. Mais tarde, Chauncy Rankin dissera: “Não só a merda dela não fede, como eu aposto que, com essa pose toda, ela está pronta para vender merda a quilo.”

Todos eles tinham observado, dia após dia, o mergulho dela em direção à loucura. A preocupação, misturada com uma satisfação secreta, derretia como vaselina pelas pregas do corpo deles. Depois de um tempo, mal tiravam os olhos do jornal quando Ruby passava a caminho do mercado. Bocejavam para espantar a existência da mulher ou cuspiam tabaco mascado para marcar a chegada dela. Uma piada de baixo calão, seguida de risadas roucas e abafadas, talvez soasse baixinho enquanto a Senhorita P entregava o pão a ela.

Contudo, certo dia, no fim do verão, Ephram Jennings prestou atenção. Um a um, os homens da varanda também prestaram. Porque, em vez de se

afastar com o pão, como de costume, Ruby não se moveu. Enraizou-se ao local. Ficou parada, segurando a sacola de papel, a mão tremendo feito uma forquilha quando encontra água. Então ela urinou. Um fluxo contínuo que atingiu a terra vermelha, tornando-a cor de tijolo. Fez isso distraidamente, com uma calma desinteressada. Depois, como ninguém sabia direito o que fazer, Gubber Samuels apontou para ela e soltou uma gargalhada áspera e rouca. Ruby olhou para baixo e viu a poça a seus pés. A surpresa brotou no rosto dela e logo murchou, substituída por uma vergonha vermelha que foi se espalhando depressa. As mãos dela cobriram os olhos, mas o mundo continuava lá quando Ruby as baixou, então largou o saco de pão na poça de urina e saiu correndo. Na verdade, aquilo não era correr. Era voar, um voo em câmera lenta, gracioso, para dentro do bosque de pinheiros, feito um cervo depois do tiro da espingarda. Ephram quase se levantou. Quase desceu os degraus da varanda e a seguiu depressa até a floresta. Mas o olhar dos homens era forte demais, e as cusparadas e zombarias incessantes de Gubber Samuels o ancoraram apesar da fisgada da misericórdia.

Como fazia muito tempo que a mãe de Ephram partira para a glória divina, naquele dia ele pediu à irmã mais velha, Celia, para fazer o bolo de claras com massa branca, porque ele precisava levá-lo a uma amiga enferma. Celia olhou o irmão de rabo de olho, mas acabou preparando o bolo.

Ela o fez naquele intervalo antes da alvorada, quando a noite envelhecida recolhe a saia da escuridão e paira na quietude. Preparou-o com doze ovos novos, ainda mornos e salpicados de penas. Um por um, ela os lavou e quebrou, segurando cada gema dourada na palma da mão enquanto as claras escorriam e pingavam por entre os dedos. Reservou as gemas na tigela de porcelana florida. No ano de 1974, Celia Jennings ainda cozinhava em um fogão a lenha e ainda usava um batedor de ovos, músculos e paciência para obter as claras em neve. Usou extrato puro de baunilha, o mesmo líquido adocicado que derramava nos banhos das noites de sábado antes de o pai deles, o Reverendo Jennings, voltar para a cidade. A manteiga tinha sido feita na desnatadeira dela, o açúcar de confeitiro vinha do P & K. Ela mexeu a massa em sincronia com a alvorada, e um respingo salgado de suor caiu na mistura como uma gota de orvalho. O bolo assou e levantou com o sol.

Ephram dormia enquanto o bolo deslizava da forma, tão doce que rachou nas bordas areadas, tão leve que pequenas bolhas de ar marcavam sua superfície, tão úmido que era certo que, como sempre, grudaria entre os três dentes

compridos do garfo de prata da irmã. Celia Jennings nunca cortava o bolo de claras com faca. “Seria como usar um machado para pelar um coelho”, dizia sempre.

O bolo estava esfriando quando Ephram acordou, e se assentou enquanto ele tomava banho e se vestia para começar o dia.

Ephram Jennings alisou as abas do chapéu do tataravô pela décima vez naquela manhã. Os polegares grandes e quadrados correram pelo material macio. Em alguns pontos, o couro estava tão fino que filtrava suavemente o sol, como uma lanterna chinesa.

O que havia de mágico a respeito de Ephram Jennings era que, sob olhar atento, era possível ver um círculo violeta margeando o marrom das íris dele. Uma cor delicada como as pétalas de flores do campo.

O problema era que ninguém, nem mesmo a irmã de Ephram, dedicava tempo para de fato o olhar. As pessoas quase sempre davam uma passada de olhos nele a caminho do Bloom ou do P & K. Para elas, Ephram era apenas mais um homem bruto da cor de um cavalo castanho, com chapéu puído e um jeito curvado de andar. Ninguém via nada de especial nele. Era um borrão no meio do passeio que os olhos faziam em busca de coisas mais delicadas e interessantes.

Ephram se acostumara a isso ao longo de seus quarenta e cinco anos de vida. Esgueirar-se porta adentro e porta afóra sem receber mais do que um aceno de cabeça ou uma pausa na conversa. Isso era de se esperar para alguém que fazia o trabalho dele. Ephram não passava de um par de mãos carregando sacolas de compras até os carros reluzentes de homens brancos. Recebendo gorjetas e murmurando “Obrigado, senhora”. Raiva e bondade eram direcionadas a ele com indiferença, como se ele fosse uma pedra de carvão. Ephram dizia a si mesmo que não se importava. Mas, mesmo entre os negros, havia momentos em que um homem esperava que um olhar o percebesse e se detivesse nele por um instante. As pessoas nunca notavam o chapéu que filtrava a luz como uma lanterna chinesa, nem as íris com contorno violeta, nem o jeito como elas combinavam perfeitamente com o tom de fruta do lábio inferior dele. Não viam as dez luas crescentes cativas em suas unhas, nem o modo como ele se movia, feito um homem deslizando debaixo d’água, suave e fluido como o lago Marion. Não reparavam em como o azul das meias combinava com os botões da camisa que ele usava aos domingos, nem sentiam o aroma da brilhantina no cabelo grosso bem penteado.

Não notavam a graciosa pausa que ele fazia depois que alguém terminava uma frase, o modo como dava às pessoas a oportunidade de encher os pulmões novamente antes de preencher o espaço com suas próprias palavras e respiração.

Não viam como as pupilas dele se dilatavam quando o coração se enchia de orgulho, amor ou esperança.

Mas Ruby notou.

Quando a vida dela não passava de um grito longo e crescente que se esvaía no meio da noite. Mesmo então, Ruby reparou em Ephram.



FOI APÓS o grande furacão de 1967 em Brownsville. Depois que ventos de quase cento e quarenta quilômetros por hora atingiram a cidade de Corpus Christi e reverberaram ao longo de todo o caminho até Liberty, respingando a fronteira oeste da Louisiana e inundando as margens do rio Sabine. Foi depois que as árvores envergaram, que os galhos arquearam até o chão de terra. Depois que o lago Marion transbordou e levou embora o galinheiro de Supra Rankin, o Buick do pai de Clancy Simkins e a nova cruz da Igreja de Deus em Cristo.

O furacão Beulah chegou no aniversário de quatro anos do retorno de Ruby a Liberty. Foi nesse dia que ela reparou em Ephram Jennings.

Ruby havia se deitado em uma poça de água parada, cheia de lama e folhas secas. Ajoelhara-se diante de um bordo quebrado e se deixara cair na água acumulada, permitindo que o fluido denso a envolvesse feito um cobertor. Sentiu a pele derreter e escorrer dos ossos; o coração, a coluna e o crânio se dissolverem como cubos de açúcar no café morno.

Fazia três horas desde que ela se transformara em água lamacenta quando Ephram a encontrou. O nariz emergindo da poça para inspirar... e voltando a mergulhar para expirar. Para fora e para dentro. Fora. Dentro. No ritmo de uma velha melodia de blues.

Ele não gritou. Não pulou por cima da árvore. Não mergulhou na água para libertá-la.

Pois Ephram não enxergou o que qualquer um que passasse pela estrada veria: uma mulher cor de terra poeirenta, magrela e com o cabelo embaraçado, deitada em uma poça de lama. Não. Ephram Jennings viu que Ruby se trans-

formara na água parada. Ele enxergou a pele profunda e fluida dela, os fios de cabelo espalhados como cipós negros em um rio.

À medida que a chuva começou a cair nela, ele a viu chapinhar, expandir-se e transbordar do pequeno barranco. Ephram Jennings sabia. Foi nesse momento que Ruby ergueu a cabeça feito uma onda crescente e percebeu Ephram. Nesse instante, as duas percepções se encontraram.

Eles encararam um ao outro em meio ao céu ancestral, à chuva suave e à terra encharcada. Mais do que tudo, Ephram queria conversar e contar a Ruby coisas que tinha mantido trancadas no porão da alma. Queria falar sobre como os melões de Rupert Shankle emergiam por entre as vinhas e sobre como as flores de madressilva tinham gosto de sol. Queria contar que vira uma parte do céu noturno repousando nos olhos dela e que sabia disso porque aquilo também vivia nele. Queria falar sobre o nó que levava atado no coração e sobre como precisava da ajuda dela para afrouxar aquele aperto.

Mas nesse momento Ruby fechou os olhos, concentrou-se e voltou a derreter na poça.

Ephram ouviu a própria voz fazer a pergunta mais estranha do mundo antes mesmo que o som atravessasse seus lábios de fruta: “Você é casada?” No entanto, antes de a pergunta perpassar o ar, Ephram viu que Ruby voltara a ser água. E ele não podia fazer aquela pergunta a uma poça, mesmo que se tratasse de uma poça perfeita. Então, tocou a aba do chapéu em um cumprimento e voltou pela estrada.

— **E**PHRAAAM! EPHRAM Jennings, o café da manhã está pronto!
— Como em quase todas as manhãs, Ephram ouviu a irmã chamá-lo.
— Tá, mãe — respondeu.

Celia a criara desde 28 de março de 1937, quando a mãe deles aparecera nua no piquenique de Páscoa da Igreja Pentecostal Em Nome do Senhor. Ephram tinha oito anos; Celia, quatorze. A única coisa de que ele se lembrava era a irmã correndo para cobrir os olhos dele. Na manhã seguinte, o pai dos dois, o Reverendo Jennings, levava a mãe à Ala para Pessoas de Cor do Hospital Psiquiátrico de Dearing, depois fizera as malas e começara a pregar de forma itinerante durante dez dos doze meses do ano. Celia cuidara de Ephram, cozinhara, cortara a comida, recolhera e passara as camisas dele, ajeitara os chapéus, cuidara dele

quando ficara entre a vida e a morte por causa de um problema nas articulações. Só fizera uma pausa: para enterrar o pai, o Reverendo, quando o homem aparecera morto. Linchado alguns dias depois do décimo terceiro aniversário do filho. Ephram se encolhera e se perdera nas dobras do avental de Celia, e lá permanecera durante os trinta e dois anos seguintes.

— Ephram, vem aqui, menino!

Sem nem sequer olhar para a irmã, ele sabia que Celia estava mordendo a parte interna da bochecha, um gesto que repetia toda vez que uma refeição não era consumida na temperatura adequada. Quanto mais fria a comida ficava, mais furiosamente ela mordia. Então ele a escutou varrer, meio exaltada. Em todas as manhãs da vida dele, Celia varrera a má sorte pela porta da cozinha. Toda noite, ela salpicava sal nos cantos da casa. Toda manhã, varria-o para fora, impregnado de qualquer mal que o ar noturno pudesse conter. A varreção foi interrompida.

— Eu sei que você está me ouvindo!

— Um minuto — gritou Ephram, alisando mais uma vez a aba gasta do chapéu e encarando o espelho da irmã.

Nessa manhã, nessa manhã fresca de fim de verão, Ephram fez algo que não fizera nos vinte anos anteriores: se olhou.

Ele sempre parava para alisar os vincos da calça e tirar os fiapos do paletó aos domingos. Já tinha segurado um lenço com gelo em cima do queixo e do lábio feridos, no único inverno da vida dele em que a neve deixara a entrada da casa escorregadia. Havia se penteado, passado óleo no couro cabeludo e arrancado pelos encravados. Tinha se barbeado, escovado os dentes e feito gargarejo com Listerine. Mas, em vinte anos, Ephram Jennings não havia se olhado de verdade no espelho.

A maior surpresa foi notar que não era mais jovem. Ele avaliou a escuridão arroxeadada embaixo dos olhos, os sulcos ao longo do nariz largo, o peso sutil nas bochechas. Pressionou um pano gelado na pele e ensaiou um sorriso. Estava na quinta ou na sexta tentativa quando Celia deu o aviso final.

No momento em que Ephram se sentou para comer, arrastou a cadeira no piso de cerâmica com estampa de florezinhas.

— Desculpa — falou.

— Tudo bem, querido, só não se esqueça de levantar em vez de arrastar a cadeira.

— Certo, mãe.

— E se lembre de não deixar a bengala no caminho, porque alguém pode tropeçar.

— Depois do café da manhã eu ponho ela de lado.

— Mas não esquece.

— Não vou esquecer, mãe.

Celia varreu o longo corredor enquanto Ephram mergulhava biscoitos amanteigados na calda. Ajeitou uma moldura de madeira com a foto do Reverendo Jennings enquanto ele cortava o frango frito que tinha comprado com desconto no Piggly Wiggly, em Newton, onde trabalhava.

Como forma de se desculpar, disse:

— A comida está boa mesmo, mãe.

— O frango era bom. Por que não me arruma mais quando for para Newton hoje?

— Não vou lá hoje, senhora.

— Ah, pensei que a sua amiga adoentada era de Newton, já que você não me disse quem é.

— Vou arranjar mais desse frango na terça, mãe.

Celia colocou *Songs of Faith*, de Andy Williams, para tocar na vitrola enquanto Ephram salpicava pimenta na papa de milho e nos quatro ovos mexidos. Ela terminou de varrer o sal de cada canto da casa enquanto “He’s Got the Whole World in His Hands” se espalhava em meio à mobília. Ephram mastigou devagar e deu uma olhada no bolo de Celia. Branco e aerado por dentro, todo dourado por fora. Ele se imaginou estendendo o bolo a Ruby Bell e vendo o que não testemunhara em mais de trinta anos: o sorriso dela.

Celia apertou na sala com a pá de lixo cheia de sal.

— Bem, se você não vai para Newton, então a sua amiga mora lá perto da Glister?

— Não.

— Porque a Glister está com seis potes de conserva que são meus, se você for passar por lá.

— Hoje não vai dar, mãe.

— Eu ia fazer a minha compota de figos para a Supra Rankin, para o velório do tio-avô do marido dela na segunda, se você fosse passar por aqueles lados... Deus sabe que é uma pena aquela família não acreditar em conservar as pessoas do jeito certo. Não sei como eles acham que o homem vai continuar fresco enquanto eles esperam os Rankin que moram em Mississippi chegarem.

— A Funerária do Shephard deixa as pessoas bonitas, mãe.

— Envergonharam a Mãe Mercy ano passado com aquela boca vermelha e aquela pele clara que fizeram nela.

— Mãe...

— A mulher parecia uma bala vermelha e branca, Jesus amado. Você vai ajudar a carregar o caixão do Junie?

Ephram fez que sim. Celia abriu a porta da cozinha para esvaziar a pá de lixo, e no mesmo instante um vento forte soprou um punhado de sal no rosto dela. Celia o cuspiu e limpou os olhos, varrendo depressa as sobras pela porta dos fundos.

Virou-se para Ephram.

— Está sabendo que a mocinha dos Samuels voltou para a cidade? — Ele comeu um pouco dos ovos. Celia limpou a mesa com um pano. — A Supra Rankin diz que a garota chegou de Nova Orleans há três dias, toda pintada que nem um palhaço, rebolando feito um peixe pela cidade inteira.

Ephram ergueu o prato e o copo para que Celia limpasse a mesa.

— Mãe...

— Não fui eu quem disse isso. Foi a Supra Rankin. — Ela lançou um olhar severo na direção do irmão. — Foi por isso que eu pedi para você buscar os meus potes na Glistler, já que os Samuels moram para aqueles lados.

— Mãe! Eu não vou levar o bolo para a garota dos Samuels! Eu nem pensei nela em quinze anos. — Ephram se levantou. — Tenho que ir.

— Termina o café da manhã.

Ele se sentou com relutância.

Celia serviu mais café fumegante para o irmão, que comeu o restante da refeição enquanto a versão de Andy Williams para “Battle Hymn of the Republic” caramelizava a cozinha. Celia deu a volta até a pia, esvaziou a bacia onde a vagem estava de molho, sentou-se ao lado de Ephram e começou a tirar as pontas das vagens. Com uma graça experiente, atirava as ervilhas em um balde, fazendo ressoar um *TIM!* abafado.

Sem olhar para Ephram, ela disse:

— Esbarrei com a Senhorita Philomena ontem no P & K. Ela perguntou de você.

Ephram comia em silêncio enquanto a música rodopiava debaixo dele...
truth is marching on...

Celia continuou:

— Aquela Senhorita P sempre foi tão generosa. Ela ajuda todo tipo de gente. A canção se derramava no ar.

I have seen Him in the watch fires...

Ephram inspirou no ritmo da música.

As ervilhas ecoavam. *TIM.*

Celia continuou:

— O jeito que ela dá aqueles pães para aquelas pessoas que foram vítimas do alagamento em Neches.

Ephram assentiu... *of a hundred circling camps...*

TIM.

— E a carne-seca e os picles para aquele mundaréu de gente de Peels.

TIM. TIM.

... builded Him an altar...

— E ela também não ajuda bastante aquela Ruby Bell?

... in the evening dewes and dampes...

TIM.

— Agora, aquela moça Bell é um caso triste, não é mesmo?

I can read his righteous sentence by the dim and flaring lamps...

TIM.

— Você a conheceu quando criança, não foi? Ela era bem bonitinha, com aquelas tranças grandes.

Glory glory Hallelujah!

TIM.

— Até parecia

Glory

— que ela ia

Glory

— virar alguma coisa

Hallelujah!

— sendo criada por aquela madame branca depois que o Papa Bell morreu.

TIM.

— Dando no pé para

Glory

— Nova York

Glory

— como ela fez.

Hallelujah!

— Indo até

His

— para aquela escola de gente

Truth

— branca lá.

Is marching on.

TIM. TIM. TIM.

A canção se diluiu no papel de parede, mas Celia continuou cantando.

— É mais do que um pecado toda essa decadência dela. O cabelo sujo de lama, aqueles trapos de roupa rasgada e amarfanhada. Agora eu ouvi dizer que está fazendo xixi na rua! Implorando por restos, e está escrito na cara dela que ficou louca. E dizem que o velho Mister Bell ia se revirar no túmulo se soubesse o que acontece com os homens na casa dele de noite.

Ephram sentiu gotinhas de suor se formarem nas têmporas.

— Mãe...

— Mas eu não culpo nenhum deles. Você sabe como são os homens. A indecência toca a campainha e eles saem correndo como se fosse a hora do jantar no inferno. O Diabo fincou o pé aqui em Liberty. Eu sei. Vi com os meus próprios olhos o que acontece quando se invoca o demônio. As pessoas caem, os homens murcham que nem ameixa. O corpo fica vazio, sem espírito, então as pessoas viram uma coisa vazia até caírem mortas. Menino, eu me sentei de frente para o Diabo, assim, perto dele que nem eu estou perto de você agora. Vi ele mexendo o caldeirão dele, cheio de almas, em cima de um lago de fogo. Eu sou íntima do Diabo, por isso eu sei como a mente dele funciona, sempre procurando um pecador para servir de tempero para a fervura dele. Então, quando a Glister disse que o garoto dela, o Charlie, tinha visto você ficar de olho naquela Bell o dia todo, seguindo ela para lá e para cá, eu disse “Não, senhor”. Eu criei o meu garoto para coisa melhor do que se sentar à mesa de uma Jezebel qualquer e *sei* que ele não vai levar nenhuma sobremesa.

— Cel...

— Eu não tenho barbatana.

— Mãe...

— Que foi?

Ephram percebeu que seu pulso estava tremendo. Só um pouco, mas tremia. Pousou a xícara.

— Mãe... é só bolo.

— Está mais para isca.

— Ela só...

— Diz que você não enganou a sua própria mãe e fez ela preparar um bolo para uma mulher da vida. — Ephram inspirou fundo enquanto o incômodo dormente nos dedos bocejava e começava a despertar. Ao longe, Andy cantava “Amazing Grace”. — Os seus ossos estão incomodando hoje, querido?

— Não.

A dor se espalhou pelos nós dos dedos, pelos pulsos e pelos braços.

Celia pegou a mão dele.

— Ephram, você sempre foi simples. Quando era menino, voltava para casa com metade do balde de leite em vez de trazer ele cheio. Nunca conseguiu descobrir um jeito de fazer aquela vaca parar de chutar você. Tudo bem. Deus ama o simples, mas o Diabo também. Porque quem é simples não tem cabeça para resistir à tentação.

Os ossos de Ephram começaram a ser consumidos por fogo, o próprio tutano chiando por baixo da pele. Era a dor de um dia ruim, a dor mais forte que ele tinha sentido em anos. Começou a transpirar. As pernas chacoalharam ao mesmo tempo que uma gota de suor pingou na mesa da cozinha. Ephram ficou de pé.

— Quer a sua bengala dos dias ruins?

Ele não olhou para ela ao responder:

— Eu não vou sair hoje, mãe.

Ephram andou até o vão da porta enquanto Celia pegava um pano e enxugava a gota de suor na mesa. Passou pelo corredor estreito enquanto ela se punha de pé e despejava as ervilhas em uma panela que as aguardava no fogão. Foi se arrastando até o quarto, tirou os sapatos polidos, a jaqueta e o chapéu, depois se estirou de costas na cama de ferro.

Celia gritou para ele da cozinha:

— Quer um pedaço de bolo, querido?

— Agora não, mãe.

— Bem, eu vou cortar um pedaço para você. Vou deixar separado para quando você levantar.

EPHRAM REZOU para espantar a dor. Ela veio mesmo assim, crepitando como uma fogueira. Crescendo, queimando, tragando. Ele cerrou os dentes para tentar suportá-la. O suor correu pela curva da orelha, indo parar no travesseiro. A dor começou a ceder. Ephram respirou fundo. Sentiu as molas do colchão

se contraírem debaixo de si. O teto baixo e irregular de quando Celia tinha contratado o filho do pastor para cobrir a madeira com chapisco cinza.

Começou de novo, ressoando como um alarme de incêndio, retorcendo o estômago. Ephram cerrou os punhos com tanta força que todas as dez luas crescentes das unhas desapareceram no branco. Passou. Ele ofegou.

As crises estavam ficando piores. Ultimamente, ele tinha a sensação de que seus ossos eram as tochas de Deus. Aquele Deus devia estar com muito frio para acender tantas tochas. Enquanto esperava a dor, Ephram divisou Ruby como ela era antes, da primeira vez que a vira. A linda garotinha com longas tranças. O tipo de beleza que doía na vista, como doce em um dente com cárie.

Ephram inspirou. Dava para sentir que a onda seguinte seria grande. A dor foi crescendo e o mundo desabou. Antes de desmaiar, o último pensamento dele foi triste: Ruby nunca provaria o bolo de claras de Celia.

O corpo de Ephram ficou flácido em cima da colcha de chenile, os ossos doendo até mesmo em meio ao torpor. O sol de sábado agitava as cortinas, lançando dedos de luz no piso. Algo grasnou do lado de fora, em uma árvore. Algo brilhante e negro. Voou do poleiro e planou, desenhando oitos preguiçosos acima do terreno dos Jennings, depois aterrissou no jardim, bem em frente ao quarto de Ephram. Ficou arranhando e batendo os pés até que uma mulher empunhando uma vassoura gritou de dentro da casa. O corvo inclinou a cabeça, abriu as asas e alçou voo. Então, grasnou.

“Brilhante.”

THE GUARDIAN

**“Nada se aproxima da experiência
de ler este romance.”**

OPRAH WINFREY

**“Cynthia Bond fala de temas
extremamente difíceis com beleza
e emoção. Um livro apaixonante.”**

SAN FRANCISCO CHRONICLE



ISBN 978-85-510-0120-2



9 788551 001202

www.intrinseca.com.br